

Ressonâncias da Palavra em José Augusto Mourão

PALAVRAS-CHAVE: leitura, palavra, corpo, discurso, semiótica, mística.

KEYWORDS: reading, word, body, discourse, semiotics, mysticism.

A verdade do humano não está no rol das datas da sua vida, mas no relato que cada um faz das suas alegrias, sofrimentos e esperanças. A verdade do humano é a sua palavra em eco à Palavra, tecida no diálogo interior em que o Verbo indica o caminho, a verdade e a vida.

(José Augusto Mourão, *Quem vigia o vento não semeia*)

1. Não tivesse a morte falado mais alto e teríamos neste teatro de *teografias – literatura e religião* a esperada e muito conveniente participação de José Augusto Mourão, a intervir de viva voz. Resta-nos dar-lhe a palavra, *in absentia*, através do corpo presente da sua dicção gravada em texto e obra.

Com direito a lugar cativo na teografia portuguesa contemporânea, muitos são os traços que lhe desenham um perfil singular no panorama de criadores cujos jogos de linguagem aceitam a variável Deus. Poeta de *O Nome e a Forma poesia reunida* (2009); ensaísta prolífico de *Sedução do Real: Literatura e Semiótica* (1998), e de *O Fulgor é Móvel (em torno da obra de Maria Gabriela Llansol)* (2003); estudioso do fenómeno místico em *A Visão de Tândalo: da Fornalha de Ferro à Cidade de Deus (em torno da semiótica das Visões)* (1988), e em *Sujeito, Paixão e Discurso* (1996); produtor de renovação da discursividade efêmera na prática litúrgica em *A Palavra e o Espelho* (2000), e *Quem vigia o vento não semeia* (2011); docente na área de comunicação e mente aberta a rumos pouco convencionais, onde marcou posição com abundantes escritos dispersos, nenhuma matéria de vibração humana, incómoda que fosse, lhe repugnou.

Já a severa garra da dor lhe dilacerava a carne mortal quando escreveu: “Não sou um campeão da fé, não sou um profeta nem um místico. [...] Não perdi o sentimento trágico da vida...” (Mourão, 2009: 20). Nenhum deslumbramento de grandeza lhe ofuscou a lucidez fria de quem enuncia o quotidiano viver a partir da experiência da condição trágica. E se

muitos podem ser os percursos do labirinto sinalizados pelo novelo que Ariadne estende, desde muito cedo um percurso se impôs em definitivo: o caminho de uma Palavra imemorial, incandescente, seminal e única. Ao correr por esse caminho, hesitou e duvidou em todas as bifurcações e cruzamentos, deles saindo sempre em direção à clareira onde o fogo da Palavra devia crepitar. Admiro este Teseu enredado na teia verbal com que é urdida a literatura, e obstinado na procura da luz que liberta. O labirinto não é o destino do homem, mas tão só a prova que o seu desejo de fuga e de infinito tem de prestar.

2. Do ser de desejo que é o homem posto à prova fala-nos a palavra literária na multiplicidade das suas expressões e géneros. E há em Augusto Mourão uma espécie de cerco da palavra através de grandes temáticas que nele são insistentemente recorrentes. Texto, escrita, leitura, corpo, interlocução, poética, hermenêutica, semiótica, mística definem janelas por onde se contemplam mistérios e articulações da linguagem e da comunicação. Fiel a estas constantes, as paisagens movediças por onde viaja a escrita mostram-nos que a disseminação da palavra nos confirma como prisioneiros da errância. Prisioneiros da errância, mas não da clausura de nenhum universo. Passeamos pela obra aberta onde o sentido nunca se fecha ou extingue. Renascemos nos caminhos da palavra que a obra nos abre para habitarmos novos mundos.

Só celebramos a plenitude e a lealdade da palavra quando ela também sabe fazer silêncio e ficar à escuta. Nem o ruído nem a vociferação servem a epifania da palavra. É do silêncio povoado pela experiência de vida que podem brotar as palavras mais fortes e criadoras. E há o silêncio a transbordar de uma presença que não cabe em palavras. O essencial, místico e íntimo, experimenta-se do lado de lá da linguagem: “Quando amamos alguém, procuramos a sua presença: basta então que aquele que procuramos esteja lá, mesmo que nenhuma palavra se troque: essa é a verdade do silêncio interior. Nesse silêncio escuta-se o que vive em nós, a palavra” (Mourão, 2009a: 116).

De cada vez que se consuma a escrita/leitura recria-se o mundo originário da Palavra primordial que fez irromper da noite eterna a clara luz que renasce em cada aurora. Por isso, toda a literatura é escrita do desejo. Desejo que é liturgia de uma ausência e aposta numa promessa de plenitude. Desejo sempre a renascer entre a Palavra imemorial que foi dita e o infinito feito verbo que nunca acabamos verdadeiramente de dizer. É nesse intervalo que o bom ouvido de Augusto Mourão consegue escutar ressonâncias cada vez mais intercetadas pelo ruído ensurdecador e caótico das imagens de consumo reproduzidas de modo mecânico por toda a espécie de suportes.

Ressonância é tudo o que vai além das palavras e nos permite captar muito mais do que o que foi explicitamente dito. Enquanto o eco é repetição de sons que acabam de ser emitidos, a ressonância pode ser entendida fisicamente como a propriedade que permite aumentar a intensidade de um som e psicologicamente como a maneira segundo a qual as impressões

vividas se convertem em lava incandescente na consciência do sujeito. Tanto física como psicologicamente, a ressonância acontece porque existe um corpo que vibra.

3. A Augusto Mourão interessou a palavra como corpo. A Palavra que cria e o Verbo que incarnou e habita entre nós. A palavra que recria os mundos da literatura e a palavra que significa e faz os universos da semiótica. A palavra que renasce nas práticas de leitura.

O discurso de Mourão é tecido com palavras investidas de uma erótica que se aproxima do outro sem nunca se apaziguar. Há *secura*, aspereza, na dicção cortante, armada de incisões gravadas a frio na carne viva do ouvinte/leitor. A retórica praticada esbate e chega mesmo a ignorar o preceito da *captatio benevolentiae*. O discurso distingue-se pelo vigor afirmativo da arte de enunciar. Com frequência, pratica uma dicção estridente onde a voz e o grito se confundem até à indistinção. Quando parece próximo do discurso de conforto e a voz de consolação se anuncia, cresce de súbito a provocação. Veja-se o poema “Da morte vária”. Se doem as palavras que dizem a partida de um irmão visitado pela morte, logo se evoca a estrada que ele percorreu “como um cavalo alado /vagabundo e livre...” (Mourão, 2009: 229). Este dizer só na aparência é descarável; excede-se afinal em atenção, abertura e responsabilidade pelo rosto do outro. Celebra a palavra, chamando-o e reconhecendo-o pelo nome:

No fundamento do falar encontramos a relação com o outro como *alteridade*, como pessoa, como fim em si, fora das posições sociais, das diferenças étnicas, etc., e das suas relativas identidades: uma relação frontal que se opõe radicalmente a todas as formas de enclausuramento da alteridade e de violência que o discurso (propaganda, demagogia, diplomacia) possibilita. [...] A presença do outro vale por si mesma, não se define em função de outra coisa. O Outro é o próximo. O conhecimento do outro está para lá do conhecimento e da moral, da política e da economia. (Mourão, 2010: 72)

Neste discurso que dá a volta ao mundo dos objetos semióticos procura-se o mesmo nas diferenças e alteridades de significantes, de disciplinas, de saberes e de sabores. Mas o movimento e as deslocações que o mostram são sobretudo da ordem da aparência. Tanto nas rotações em que se gira à volta do eixo da palavra como nas translações do desejo que perseguem a luz que nunca se apaga, *lux perpetua*, está um centro, *sol invictus*, motor imóvel.

4. Merece registo na discursividade deste professor universitário, a aparente ausência de dialética argumentativa. Ponto tanto mais relevante e digno de ser assinalado quanto sabemos que estamos em presença de um membro da Ordem dos Pregadores, vulgo Dominicanos, alfobre de mestres insignes da escolástica medieval, da renovação tomista e do diálogo da teologia e da filosofia com o pensamento contemporâneo. Mais do que a linguagem argumentativa, cultiva a arte da interlocução, em diálogo com a palavra do outro a que gosta de se expor e só muito raramente opor. Evocarei rapidamente a questão do Purgatório, levantada a propósito da *Visão de Túndalo* (Mourão, 1998: 197-207). À visão cristã da alternativa do bem e do mal, do Céu e do Inferno, o nascimento do Purgatório, a partir do século

XI, acrescenta um elemento ternário como ponte, porta, mediação ou trânsito propiciador de acesso ao Céu. Expõe sobre a irrupção do Purgatório no imaginário cristão relativo aos fins do homem três teses: a de Jacques le Goff que o relaciona com as transformações sociais então operadas e a maior conformação com o fundo cultural triádico do indo-europeu; a de Adriaan Bredero que com argumentos filológicos liga o Purgatório a uma tradição monástica e o seu nascimento ao ano de 1254, ano em que o Purgatório foi objeto de uma definição papal; por fim, a tese topológica que aplica ao lugar de apaziguamento e purificação, que é o Purgatório, a leitura semiótica feita a partir da teoria das catástrofes de René Thom. Ele seria uma tensão entre forças vivida por um protagonista sujeito ao medo e à angústia mas prometido à passagem ao repouso no Paraíso. As teses vêm sumariamente expostas, sem que sejam no entanto contrapostas entre si e avaliadas em termos de razões que eventualmente possam fundamentar a preferência por uma delas.

Filho do tempo, denuncia-se em Mourão a marca do fragmentário da forma e da intermitência do pensar, na frase curta, sincopada, esquemática. E também a ele se aplica com alguma pertinência o que diz do presente:

O pós-moderno: a cultura das citações infinitas. Que há para além desses labirintos textuais em que erramos interminavelmente? Como se articulam neles os espaços da experiência e os horizontes de expectativa? As energias semióticas mais universais disseminam-se hoje pelas linguagens simbólicas do computador – o esperanto da juventude. Dessacralização da palavra. (Mourão, 2000: 169)

Filho do tempo, sim, sem jamais se deixar aprisionar por ele. E não lhe contamina a radicalidade do pensamento atento ao essencial. Por isso, a escrita apresenta-se densa, afofada, afirmativa, oracular. Como no oráculo de Delfos, de que fala Heraclito, ele “não dissimula, significa”. Nos *disjecta membra* cresce, como ausência, o desejo de renascimento e de ressurreição.

5. A quem se dirige a escrita de Mourão? Aos leitores. Mas quem estará disposto a fazer o esforço de lê-lo? Presumo que dois tipos de pessoas: as que aceitam o desafio do enigma que pode pôr em marcha a produção de conhecimento e as que são permeáveis à inquietude suscetível de gerar o apelo à conversão. O primeiro tipo brota da consciência de ignorância e os textos de Mourão estão carregados de saborosos frutos colhidos nas árvores de muitos jardins de sabedoria. O segundo nasce da consciência de abertura à vida ética. À vida ética e não propriamente à religião gregária, porque a idade da religião, cimento da coesão social e pacificadora das consciências está em extinção. É de uma “religião perigosa” que nos fala, ora crítica ora sarcasticamente, muita literatura, em particular, as literaturas anticlericais e antirreligiosas.

Há também um debate a que os peregrinos do conhecimento não se podem furtar, escondidos atrás de anátemas e obstinações cegas. E o primeiro passo para nele entrar

de espírito aberto é reconhecer que “toda a grande literatura é uma cruz para a teologia” (Mourão, 2000: 138). Foram vários os criadores do mundo das letras com quem a obra de Mourão estabeleceu diálogo e debateu ideias e práticas de vida. Entre os contemporâneos, esteve particularmente próximo de Maria Gabriela Llansol e de Natália Correia. Desta dirá que foi para ele “uma irmã e uma provocação”. E alonga-se sobre quanto nela se afirmou de provocatório em desassombrada evocação:

Natália Correia foi, entre nós, a única protagonista de um debate que não há – o debate em torno do politeísmo, do sacrifício, do ateísmo, da religião. Ela questionou a fundo o ranço da linguagem, inscrevendo-se na contra-corrente dos patriarcas da nossa cultura, em partilhar com eles uma concepção liquidatária da religião nem o ateísmo iluminado do Ardinelli da *Pécora*. O seu esforço para desmascarar tanta gente que enrouqueceu para gritar que não é católico em Portugal é de facto surpreendente e único no nosso meio. Devemos-lhe esse combate para que não se fechasse a porta à questão religiosa como constitutiva da procura da verdade, que não é nunca acessível a um saber. Ela sabia que acreditar era dar o coração, como uma partilha de vozes, como princípio interior do pensamento ou Sabedoria. (ibid.: 139)

Por isso, o lugar donde ele nos fala é incómodo e perturbador porque pisa o chão de sociólogos, arautos assumidos da “saída da religião”. Sabe que tanto a “religião de aparato” como a “religião de experiência” estão reduzidas “a um mero epifenómeno secundário em relação ao funcionamento profano da totalidade social” (Mourão, 2011: 210). E vozes como estas arranham as ortodoxias do santuário. Só as escutam ouvidos inconformistas, ousados, disponíveis para a desestabilização do convite à viagem e ao exílio do “Deus, como nós nómada” (Mourão, 2009: 34).

6. Daí a importância do regime em que a palavra se faz comunicação: voz que soa, se escuta e desvanece; letra que se escreve, se lê e resiste ao momento que passa. Em cada ato de ler renasce a surpresa do que na palavra nunca acaba de fazer sentido. Surgem com frequência em Mourão metaleituras fascinantes da arte de ler em que se exploram as múltiplas janelas por onde a palavra feita texto se abre em perspectiva. Oiçamo-lo: “Ler é deixar cair o olhar que se inclina sobre a palavra até esta *re-luzir*. Ler é acender o texto e deixar que o corpo seja afectado pelo que se lê. *Ler* é ressuscitar a letra que dorme e fazê-la vibrar, acordá-la para o «mais-ver», para a «mais-paisagem»” (Mourão, 2011: 82). Não poderíamos ler se não existisse o escrito. A invenção da escrita abriu ao homem um mundo inesgotável de possibilidades que ele continua a explorar com surpresa sempre renovada. Ao invés da condição evanescente da oralidade discursiva, confinada aos limites do evento, o escrito desfruta da perenidade do monumento e do arquivo: “No texto escrito dorme para sempre a memória, a vida, o interior, segundo os princípios da linearidade, limite e fixidez” (Mourão, 1998a: 410). Por essa via, vê-se a capacidade humana dotada de vigorosa prótese, o escrito prótese da oralidade, da memória e do instante. Convertida em texto escrito, a palavra de ontem ou de hoje fica exposta à arte de ler, que é arte de reconhecer e de interpretar.

Mas nenhuma leitura se pode arrogar o privilégio de exhibir como troféu a leitura definitiva, última. Lê melhor quem, no sentido que o texto parece fazer, decifra o horizonte infinito de sentidos a inventar. É do inesgotável texto do mundo e da vida que todos somos leitores, guiados pelos grandes mestres da leitura, os criadores dos universos da literatura. Se hoje eles nos dão a ler um mundo vazio de desuses, são eles ainda que nos acenam para interstícios e instantes de interregno por onde os deuses nos podem salvar. Isto mesmo intuiu Mourão no poema “Ateísmo”:

O mundo actual vive sem deuses
 é ateu
 o seu sonho é divino
 mas não é com um deus que sonha
 os deuses retiraram-se como as aves
 por causa do ruído
 que avassala o mundo
 [...]
 só um deus nos pode salvar
 no período decisivo e indeciso
 do interregno da vociferação
 [...] (Mourão, 2009:262)

Nas ressonâncias até aqui evocadas vibra a dicção de uma Palavra imemorial e única que Mourão não desiste de acordar no aparente ruído ou caos da palavra dos homens feita Babel de vociferações e ensurdecedoras confusões. Tudo bem ponderado, o que verdadeiramente está em jogo nas errâncias desta escrita, tantas vezes doce e ácida outras tantas, é saber que a Palavra de Deus continua inédita. Não em suporte de papel, nem no ciberespaço. Ela vai soprando por aí. Mas falta editá-la no coração da vida para que crie, através de cada um de nós, novos céus e nova terra.

Bibliografia

- MOURÃO, José Augusto (1998). *A sedução do real. Literatura e Semiótica*. Lisboa: Vega Universidade.
- (1998a). “Tecnologia e Literatura: As Máquinas Textuais de F. Laruelle a Landrow”. *Real vs. Virtual Revista de Comunicação e Linguagens*, 25-26, 403-414.
- (2000). *A Palavra e o Espelho*. Lisboa: Filhas de S. Paulo.
- (2009). *O Nome e a Forma. poesia reunida*. Lisboa: Pedra Angular.
- (2009a). “Os rostos do silêncio: para uma semiótica do silêncio”. *Didaskalia* 1, 113-125.
- (2010). “Um entre os outros: À escuta do outro O outro somos nós”. *Cadernos do Instituto São Tomás de Aquino* 23, 65-85.
- (2011). *Quem vigia o Vento não semeia*. Lisboa: Pedra Angular.

.....

RESUMO

José Augusto Mourão deixou-nos. Em maio de 2011, partiu para a Terra da Alegria onde a Palavra vive inteira, absoluta, eterna. Constituiu-nos herdeiros de uma obra densa em que nos continua a convocar para a arte de refletir e de inventar a vida boa. Nas páginas breves desta comunicação, ressoa a sua voz e registam-se afetuosamente ecos de alguns temas maiores que ele nunca se cansou de glosar com paixão pela vida fora.

ABSTRACT

José Augusto Mourão left us. In May 2011 he departed to the Land of Joy where the Word lives whole, absolute, eternal. He made us heirs to a dense work in which he keeps summoning us to the art of reflection and of inventing the good life.

We attempt in this short evocation to recapture his voice and we affectionately register echoes of some major themes he tirelessly glossed throughout his life.

.....